

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed.34,1999.

Por: Juliane Corrêa Marçal¹

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea decorrentes das inovações tecnológicas, principalmente no que se refere as relações de trabalho e educação, fazem com que esta obra de Pierre Lévy seja oportuna para aprofundar nosso debate educacional.

Este livro aborda as implicações culturais das novas tecnologias digitais de informação e de comunicação, enfatiza as atitudes frente este progresso, a virtualização da informação e a mutação global da nossa civilização.

Na primeira parte, além de fornecer conceitos técnicos próprios da Cibercultura, o autor nos oferece uma perspectiva na qual a aceleração contemporânea da corrida para o virtual não pode ser reduzida ao impacto social e cultural das novas tecnologias. Considera que "As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre "a" tecnologia (que seria da ordem da causa) e a cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas." (23). De modo que em vez de enfatizar o impacto das tecnologias temos as tecnologias como produto de uma sociedade e de uma cultura.

Pierre Lévy apresenta, na segunda parte, uma conceituação de universal sem totalidade. Lembra que as tendências universalizantes aumentam as desigualdades entre os participantes do universal e seus excluídos, mas mostra que existe "uma outra forma de instaurar a presença virtual da humanidade em si mesma (o universal) que não seja por meio da identidade do sentido (a totalidade)."(121) Considera que a Cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, que não depende de uma fixação, pois as significações se estabelecem numa renovação permanente, na qual "cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta."(111) Ainda nesta parte, analisa o movimento social que propaga a Cibercultura, suas formas estéticas, sua relação com o saber, as questões urbanísticas e políticas que suscita.

Na terceira parte, aborda os projetos contraditórios que se defrontam no terreno da Cibercultura, a diversidade de interesses e de interpretações que estão em conflito, ocasionando um devir tecnológico não controlável. O ciberespaço é

¹ Professora Assistente da Faculdade de Educação da UFMG e Coordenadora da Cátedra da UNESCO de formação docente na modalidade de ensino à distância.

tratado como um estilo de comunicação que não pertence à mídia, no qual as informações podem ser confrontadas e todos podem emitir mensagens contrapondo à crítica de uma nova dominação midiática, onde os centros emissores seriam controlados por uma minoria. De forma semelhante, o autor demonstra como a perspectiva que supõe que o virtual irá substituir o real é incorreta, pois esta desconsidera as práticas sociais, a produção de novos planos de existência que tornam complexos os processos já existentes. O autor questiona: "A linguagem, primeira realidade virtual a nos transportar para fora do aqui e agora, longe das sensações imediatas, potência de mentira e verdade, por acaso nos fez perder a realidade ou, ao contrário, nos abriu novos planos de existência?" (:219)

O medo da técnica que desumaniza em sua análise deve ser substituído pela compreensão do aumento contínuo do nível de complexidade das nossas relações através de novas formas de linguagem. Ao multiplicar os meios técnicos de informação e comunicação, intensificam-se as relações, nossa espécie se potencializa, se torna ainda mais humana. Que se lembre que as potencialidades positivas da Cibercultura não garantem a paz e a felicidade, não muda as relações de poder e as desigualdades econômicas entre os humanos.